

DARLEI JOÃO DOMINIAC

**ORGANIZAÇÃO DE PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS NO  
DISTRITO DE SANTA MARIA – CAMPO BONITO - PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Profº Orientador: **Cinthia Sena Abrahão**

MATINHOS

2011

## ORGANIZAÇÃO DE PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS NO DISTRITO DE SANTA MARIA – CAMPO BONITO – PR

\* DOMINIAK, Darlei João<sup>1</sup>

\*\*ABRAHÃO, Cinthia Sena<sup>2</sup>

### Resumo

O presente texto tem por objetivo discutir a organização familiar de pequenos proprietários rurais no distrito de Santa Maria - município de Campo Bonito - estado do Paraná, e a permanência dos mesmos no campo. Tais famílias estão ligadas ao meio rural pelas mais diversas formas de produção, tanto para comercialização através de empresas financiadoras de seus produtos, como através da produção para o sustento próprio. Considerando a história mundial e brasileira de construção e desconstrução do meio rural, buscamos relatar o porquê ainda hoje se mantêm e permanecem na localidade, contrapondo à tendência da sociedade brasileira, na qual prevalecem a grande propriedade e um sistema de produção, no qual predomina a monocultura. Para a realização do trabalho foram entrevistadas, por meio de roteiro de entrevista, 14 famílias que vivem no distrito.

Palavras chaves: Educação do campo, produção familiar, pequenas propriedade rurais, meio rural.

---

<sup>1</sup> Professor QPM do Estado do Paraná, na disciplina de Geografia, participante do Projovem Campo – Saberes da Terra, do Núcleo Regional de Educação (NRE) de Cascavel PR e atuante na Escola: Colégio Estadual José Bonifácio – EFM de Campo Bonito.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

## 1. Introdução

Do suor do seu rosto é que comerá o pão de cada dia.<sup>3</sup>

No decorrer de minha caminhada como professor, na escola pública do Ensino Fundamental e Médio no Paraná, e atualmente atuando no projeto: Projovem Campo – Saberes da Terra verifiquei por várias vezes através da prática pedagógica alguns relatos por parte dos educandos, no que diz respeito às dificuldades de ser um pequeno proprietário rural e ao mesmo tempo produzir e sustentar a família. Observando os trabalhos dos educandos e as dificuldades encontradas pelos pequenos proprietários rurais em permanecerem sustentando suas famílias através da produção rural pude constatar algumas das razões para o esvaziamento do campo. Vários são os fatores que tornam precária essa condição, dentre eles a redução do interesse dos filhos destes agricultores em permanecerem no campo; e a desvalorização social dos conhecimentos empíricos adquiridos pelas comunidades, cujos saberes advêm da prática e da tradição de longa data, transmitidos de pai para filhos.

Ao observar estes fatores e como eles têm sido responsáveis por promover o esvaziamento do campo; chamou-me a atenção ao verificar que no distrito de Santa Maria, na parte sul do município de Campo Bonito, também no estado do Paraná, os pequenos proprietários organizados em famílias permaneciam ao mesmo tempo produzindo e mantendo suas famílias no meio rural. Tal comportamento, que envolve a permanência e a coesão familiar me despertou a necessidade de procurar informações, respostas para tais observações; Para coletar estas informações, desenvolvi algumas questões escritas em forma de um roteiro de entrevista, que foi aplicado a 14 famílias da localidade. Tais informações foram analisadas procurando

---

<sup>3</sup> Citação Bíblica utilizada por muitas famílias na questão do trabalho.

entender os fatores de expulsão, que têm exercido pressão sobre a maioria das comunidades, e os motivos pelos quais esse grupo de produtores familiares de Santa Maria segue na contracorrente. Para tanto, também buscamos subsídios para a realização do trabalho na literatura nacional sobre o tema. Além disso, procurei informações nos órgãos ligados ao setor agropecuário da prefeitura municipal e sindicatos.

Buscamos observar uma relação aparentemente contraditória, enquanto há forte tendência de saída do campo, tal como temos constatado em nossa prática docente e que se expressa também na literatura sobre o tema, existem grupos de produtores que têm mantido a prática familiar e a forte relação com o campo, transmitida de geração a geração, por meio da qual

[...] o homem não só se adapta ao mundo, como também o transforma. Essa transformação ocorre em dois níveis: em primeiro lugar no nível da interação do homem com a natureza e como ser da natureza, modificando o ambiente natural com o uso de ferramentas. Ocorre também no nível da consciência, da interação comunicativa entre os indivíduos e sua organização social (SCHELLING, 1991, p. 32).

Em um mundo de constantes transformações nos mais diversos meios, e em especial no meio rural as contradições quase sempre trazem mudanças na forma de vida de uma sociedade. As mudanças são sentidas de forma gradativa e muitas vezes adaptadas a uma nova forma de viver e produzir, e nem sempre são radicais. Todavia, é na localidade, é no lugar que podemos compreender o movimento da sociedade em sua concretização. É também nele que percebemos as especificidades dos vários grupos humanos e suas resistências aos processos de mudanças.

Observei em muitos de nossos jovens educandos um comportamento e conseqüentemente uma adesão dos mesmos à idéia de que o meio rural (campo), e, em especial os pequenos agricultores e proprietários rurais, não possuem valor social. A desvalorização do modo de vida rural nos apresenta como elemento de desintegração da vida em comunidade. Ao mesmo tempo, a insatisfação que abate

as pessoas que vivem no campo no Brasil tem sido acompanhada de um crescente desrespeito ao trabalhador rural. O que, por sua vez, é reforçado pela visibilidade da exploração do mesmo e da ausência de políticas públicas, que trabalhem a permanência e a valorização do homem do campo, em detrimento de ações assistencialistas.

Com base nestas observações desenvolvi um projeto de pesquisa junto a algumas famílias em uma localidade de nosso município que retrata a meu ver uma contradição em relação à tendência de desvalorização e expulsão do homem do campo. Nesta localidade residem aproximadamente 76 pequenos agricultores. Para poder entender melhor essas formas divergentes de relacionamento rural trabalhei uma entrevista roteirizada, na qual procurei levantar dados/informações a respeito. Foram entrevistadas 14 famílias, a partir do que sistematizamos as respostas e comentamos seus resultados.

### Sobre o município de Campo Bonito no Paraná

Para nos situarmos espacialmente, Campo Bonito é município do Estado do Paraná, localizado na região oeste, com uma população dividida entre moradores da Sede e proprietários rurais de pequena e média propriedade (Ver Figura 01)



**CAMPO BONITO-PR:** 4.385 habitantes, formada por imigrantes italianos, alemães, ucranianos, poloneses e outros, sendo essencialmente agrícola.  
Fundação: 31 de Outubro de 1986 (aniversário)  
Gentílico: campobonitense  
Microrregião: Cascavel  
Municípios Limítrofes: Braganey, Campina da Lagoa, Cascavel, Guaraniaçu, Ibema  
Distância da capital: 450 km  
Área: 433,836 km<sup>2</sup>

Figura 01: Estado do Paraná e localização geográfica do município de Campo Bonito

Fonte: <http://www.campobonito.pr.gov.br/historia.html>.

Em seu histórico, podemos relatar que Campo Bonito teve seu território movimentado a partir da construção da estrada que ligou a Colônia Militar Marechal Mallet à Colônia Iguacu, no início do século XX. O termo Campo Bonito é denominação de origem geográfica e foi dado pelos pioneiros, quando chegaram à região, em área de exploração da erva-mate, por parte de famílias paraguaias. A área que deslumbrou os pioneiros era constituída por uma bela várzea, com gramado nativo coberto de pinheiros. Em 1924, violentos combates irromperam na região, por conta da Revolução Tenentista. Quando da passagem dos soldados revolucionários, fixaram-se em Campo Bonito alguns militares que optaram por se estabelecer no lugar. Ao se estabelecerem encontraram vida ativa, em uma localidade denominada Santa Maria. Passaram-se alguns anos e neste momento Santa Maria era distrito do município de Guaraniaçu, conforme a Lei n.º 4.852, de 20 de março de 1964.

Alguns anos após a criação do distrito ocorreu o movimento de criação do município. Tanto assim, que em 31 de outubro de 1986, pela Lei n.º 8.403, foi criado o município de Campo Bonito, como território desmembrado de Guaraniaçu – Pr. Com uma área territorial de 434 Km<sup>2</sup> e uma população atual de aproximadamente 4.700 habitantes, sua instalação administrativa deu-se no dia 1º de janeiro de 1989. Atualmente, o município possui dois distritos administrativos: Sertãozinho e Santa Maria, este último localizando-se na parte sul do município, próximo à Br. 277.

A população campo bonitense, na sua área rural, tem uma produção diversificada, de acordo com o tamanho das propriedades, que envolve a criação de gado de corte e de leite, suínos, aves; bem como o plantio de soja, milho, feijão, mandioca, leite, frutas, hortaliças, que são alguns dos seus produtos. No que diz respeito ao emprego, sua população urbana trabalha na prefeitura municipal, escolas estaduais e municipais, nos pequenos mercados, lojas, oficinas. Desde 2009, a administração local vem centrando seus esforços em realizar parcerias com grandes empresas de municípios vizinhos. As empresas oferecem empregos e

transporte, ida e volta, e a administração faz o recrutamento da mão-de-obra. Nesta parceria já foram contempladas aproximadamente 650 pessoas.

### **Breve histórico da Revolução Verde no Brasil**

A partir da década de 1950 (BOLIGIAN; ALVES), o processo de modernização da agricultura deu um ousado salto tecnológico, com o desenvolvimento de plantas geneticamente modificadas em laboratório. Sob o pretexto de que o mundo deveria assegurar uma produção de alimentos suficiente para exterminar a fome, multinacionais detentoras das patentes de insumos agropecuários passaram a vender sementes geneticamente modificadas com um pacote de insumos necessários ao seu cultivo para países subdesenvolvidos, entre eles o Brasil.

Esse modelo de desenvolvimento agrícola importado dos países desenvolvidos, baseado na mecanização do campo e no uso da biotecnologia e de insumos químicos, ficou conhecido como Revolução Verde. Essa revolução provocou profundas transformações no espaço agrário dos países envolvidos, alterando a prática agrícola e a estrutura fundiária. Isso significa que modificou a maneira como os camponeses desenvolviam o cultivo de alimentos e a criação de animais, assim como a forma de organização e de distribuição das propriedades rurais, de acordo com sua quantidade e extensão.

Com este sistema, a concessão de financiamentos bancários possibilitou a transformação de áreas ocupadas por culturas de subsistência em áreas de extensas lavouras monoculturas mecanizadas. E estas, em nome da aniquilação da fome, avançaram para regiões ambientalmente preservadas, originando as chamadas fronteiras agrícolas. Assim, a revolução verde acentuou o processo de concentração de terras em todos os países implantados por este sistema de produção.

A revolução verde trouxe um aumento na produção agrícola mundial, porém, não eliminou o problema da fome, uma vez que os produtos plantados (cereais) têm se destinado, em grande parte, para o abastecimento dos mercados dos países desenvolvidos. Além disso, os agrotóxicos e maquinários foram desenvolvidos para países com características de clima e solo não compatíveis com as regiões produtoras do Brasil e, aplicados no Brasil os resultados de produção e mecanização na grande maioria deixavam a desejar. Porém, estes aspectos não eram o ponto principal na introdução desta tecnologia, pois na forma pela qual foi iniciado tal processo o importante era a comercialização dos produtos, e só era considerado produtor rural aqueles que possuíam as ditas inovações (maquinários, defensivos, agrotóxicos e sementes selecionadas). O entrelaçamento dos dois aspectos foi possível à medida em que, para obter financiamentos para produção, era necessário adquirir o pacote que a indústria oferecia ao produtor rural.

### **Análise de campo da localidade de Santa Maria, Campo Bonito / PR**

As comunidades rurais, como a de Santa Maria, possuem no núcleo familiar o centro da sua estrutura social. Foi justamente por isso que iniciamos a pesquisa de campo buscando identificar os motivos que levaram as famílias a se estabelecerem no local. Quanto ao tipo de propriedade, por um longo tempo as mesmas eram construídas de madeira e com infra-estrutura rudimentar, com a diversificação as morarias passaram a ter um conforto maior e adequando-se ao desenvolvimento e poder aquisitivo, atualmente o meio rural passou a ter mais incentivos para reformas e construções novas (Ver figura 02).





Propriedades da comunidade de Santa Maria – Campo Bonito Pr. Sendo ao lado direito desta imagem uma propriedade com quatro casas (casais) todos da mesma família produzindo: leite, frango, suínos e grãos; ao lado esquerdo superior, outra família produtora de tabaco e grãos.

Figura 02: Pequena propriedade rural do Distrito de Santa Maria, Campo Bonito – Pr.

Fonte: Etelvino Ficagna e Família.

Dentro do grupo de famílias entrevistadas as respostas encontradas envolveram alguns motivos, tais como compra de terras e herança familiar – 1958; constituição de família; terras de ótima qualidade; lugar bom para viver; a possibilidade do trabalho em família; o fato de ter nascido na comunidade e não querer trocá-la pela cidade; o gosto pelo trabalho com a terra. Pode observar que estas afirmações apontam para um laço familiar muito forte. De forma geral, as respostas estão embasadas no valor e no sustento da família, no trabalho com a terra, o que valoriza os esforços em manter a família e a propriedade.

Esta questão se reflete na indagação da seguinte pergunta: diante das dificuldades enfrentadas para se estabelecer, quais motivos deram força para não vender suas terras?

A partir da pergunta sobre os fatores que permitiram que a família não vendesse suas terras, o que remete às causas da permanência, também obtivemos alguns indicadores interessantes. Vale dizer que algumas famílias apontaram que a causa estaria no fato de que a propriedade é a única que possuem; há aqueles que disseram que possuem um comprometimento por cuidar da propriedade; há também aqueles que expressam, no sentido mais explícito da resistência, a expectativa de que “tempos melhores virão” para os produtores familiares. Importante destacar que nenhum dos entrevistados demonstrou possuir planos de vender a propriedade. As

respostas mais freqüentes permitem concluir que estas famílias em especial demonstraram grande resistência a outros modos de vida, e que hoje podem ser consideradas, a meu ver, como fonte de inspiração para futuras gerações. Isso porque demonstram que as dificuldades da vida rural não são suficientes para torná-la menos desejável que o modo de vida urbano.

Quando me reportei às famílias da localidade a respeito da quantidade de terras que possuíam, foi muito gratificante saber que a maioria obteve aumento em tamanho de sua propriedade. Porém, uma pequena porcentagem teve que se desfazer de parte de suas terras para regularizar situação financeira junto a bancos.

No que se refere à organização e ao trabalho na propriedade, as famílias possuem um trabalho conjunto, onde cada membro familiar possui uma atividade pela qual é responsável, sendo que o conjunto faz a diferença no resultado final. Nesta perspectiva podemos destacar algumas respostas que sintetizam o trabalho e a organização nestas propriedades: “por que tem trabalho para todos; com diálogo, planejamento e força de vontade de cada um chega ao resultado desejado”. Importante destacar que em apenas um caso os filhos saíram para trabalhar fora (cidade), e apenas os pais continuam na propriedade rural.

Pudemos observar o avanço das tecnologias sobre o meio rural, que foi implantado, de certa forma, de cima para baixo (expressão recorrente dentre os entrevistados). Isto é, através de uma política governamental foi imposto aos produtores do meio rural o modo de produção. Assim, essa comunidade que trabalhou por muito tempo no sistema mutirão foi paulatinamente abandonando essa prática. Formaram-se associações e estas passaram a adquirir equipamentos em sociedade, permitindo à comunidade e famílias a adaptação frente às novas tecnologias e técnicas de produção (especialmente de aves e suínos). Além disso, foram incorporadas as culturas de tabaco, leite e frutas, porém, não se desfizeram da produção para o sustento familiar. Ao mesmo tempo, esses novos produtos em suas propriedades aumentaram a possibilidade de renda e sustento familiar. Estas atividades levaram em consideração as mais diversas dificuldades relacionadas à

produção rural, as adaptações realizadas frente a diversas políticas públicas e as orientações de órgãos governamentais nos últimos anos. Mesmo assim, grande parte do trabalho ainda hoje é feito de forma artesanal.

Quanto à formação escolar das famílias, podemos afirmar que a grande maioria das pessoas mais idosas estudou até as séries iniciais do ensino fundamental, seus filhos chegaram a concluir as séries finais do ensino fundamental e seus netos concluíram, ou estão em processo de conclusão do ensino médio, e em alguns casos também o terceiro grau (faculdade).

A renda familiar varia muito de acordo com o tamanho da propriedade, tipo de produção e a forma de trabalho que a família optou (de 01 a mais de 05 salários mês por família).

De forma geral, em todas as famílias entrevistadas observei o comprometimento com a valorização da terra, da própria família, valorização esta, que fez desta comunidade um retrato de resistência frente as políticas adotadas pelos mais diversos governos, em nível federal e estadual.

### **Considerações finais**

Após uma longa caminhada no sistema de educação e ensino no Estado do Paraná, em especial no município de Campo Bonito, o qual ajudei a formar administrativamente, e acima de tudo por estar vivendo e vivenciando os fatos que nele e ao redor dele ocorrem é que percebo o sentimento de responsabilidade que me leva a buscar compreender mais profundamente os processos vividos. Na década de 1970, em Campo Bonito, havia um hospital e uma maior concentração populacional pautada na pequena propriedade. Contudo, atualmente partes consideráveis das terras estão concentradas nas mãos de poucos proprietários, que residem nos centros urbanos, o que levou à perda de muitas conquistas pelo distrito e resultou no êxodo rural. Frente a este processo me pareceu ainda mais relevante destacar o caso dos produtores de Santa Maria.

Dentre as contradições da sociedade brasileira continua presente a questão agrária. Como diz Martins (2000, p. 98-99),

[...] tem a sua própria temporalidade, que não é o “tempo” de um governo. Ela não é uma questão monolítica e invariante: em diferentes sociedades, e na nossa também, surge em circunstâncias históricas determinantes e passa a interagir o elenco de contradições, dilemas, tensões que mediatizam a dinâmica social e, nela, a dinâmica política.

Para o autor, a questão agrária é eminentemente histórica; trata-se do tempo da conjuntura histórica e não simplesmente das diversas conjunturas políticas e econômicas.

Considerando a revisão bibliográfica, a pesquisa de campo e os conhecimentos como cidadão campo bonitense, posso relatar que no distrito de Santa Maria, a grande maioria das famílias, que preservam suas propriedades e aquelas que adquiriram para residir, têm em comum o desejo de se estabelecer e produzir seu sustento a partir da terra, sistema que permite aos proprietários com pequenas áreas rurais manter sua família e a partir da produção em conjunto com empresas cooperativas de suínos, aves, tabaco, leite, ter uma produção para a comercialização. Desta forma, ajudando a ter uma condição mais digna e respeitada na sociedade como um todo, isto é, uma valorização do ser rural.

Os moradores / proprietários da localidade citada acharam na parceria uma forma de permanecer no campo diversificando a produção e organização do trabalho familiar, trabalho este distribuído na família independente do fator idade e, ao mesmo tempo respeitando os limites impostos a cada um em função da idade e da condição física. Relação esta que acredito estar sustentando a permanência e a vida familiar destes pequenos produtores rurais da referida localidade.

Por fim, entendo que as indagações iniciais que fiz mediante esse objeto foram esclarecidas ao constatar que é na interação da família com a terra a base da vida do ser humano do campo.

## Referências

CAMPO BONITO, Prefeitura Municipal. Saite. <http://www.campobonito.pr.gov.br/historia.html>. Acessado em 30 de Agosto de 2011.

BOLIGIAN, Levon e ALVES, Andressa. **Geografia** – Espaço e Vivência. São Paulo: Ed. Saraiva, 1ª Ed. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 42ª impressão, 2010.

MARTINS, J. de S. **Reforma agrária**: o impossível diálogo sobre a história possível. In: Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. V. 11, n. 2 (outubro de 1999), editado em fevereiro de 2000. São Paulo: USP, FFICH. (p. 129-153).

SCHELLING, Vivian. **A presença do povo na cultura brasileira**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

Secretaria de Estado da Educação – SEED. **Diretrizes Curriculares Estaduais: Educação do Campo**. 2010

## ANEXOS I

Com a autorização feita pela família, a integra da entrevista com o senhor Etelvino Ficagna e Marli Woguel Ficagna:

### QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

COMUNIDADE SANTA MARIA – CAMPO BONITO – PR.

PESQUISA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO ALUNO **DARLEI JOÃO DOMINIAK**, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL.

### QUESTÕES:

01) O que levou a sua família a fixar residência nesta comunidade?

R: Meu pai comprou terras aqui, e Eu moro aqui desde 1958.

02) Diante das dificuldades enfrentadas na época, quais motivos deram força para não venderem suas terras a grandes fazendeiros?

R: Casei e fiquei aqui, construí minha família e fiquei morando em Santa Maria.

03) Na vinda para esta localidade, quanta terra adquiriram? R: 04 alqueires

Atualmente quanta terra possui? R: a mesma quantia

04) A família (pais e filhos) trabalham nesta propriedade ( X ) sim ( ) não, porque?

R: Pai e Filhos trabalham juntos na suinocultura e avicultura.

05) Como se dá a organização (trabalho) da família na propriedade?

R: cada um fazendo a sua parte, trabalhamos unidos.

06) Nestes anos Passaram por alguma crise? R: não

Quais? \_

Como supram? R: por que sempre trabalhamos unidos e para sobreviver.

07) Possuem algum incentivo financeiro por parte do governo? R: sim

Quais? R: Financiamento do Banco

08) O que produzem na propriedade? R: leite, porco, galinha

A produção é artesanal ( X ) sim ( ) não, Como é Feita?

R: Feita de mão de obra por pai e filhos, ficaram tabalhando na propriedade 05 filhos homens e 03 filhas se casaram.

09) Quanto a escolaridade, até que série estudaram:

Pai : 3ª série primária    b) Mãe : 3ª série primária

Filhos : 05 filhos homens até a 4ª série primária; 01 filha fez 2º grau; 01 filha estudando o magistério e 01 a 7ª série

10) Renda familiar em salários mínimos. R: 03 salários mínimos